

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUME XXXIX – 2000

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

MICHEL GRAS, *O Mediterrâneo Arcaico*, Lisboa, Teorema, 1998, 275 pp. ISBN: 972-695-342-1.

O Mediterrâneo Arcaico, de Michel Gras, publicado em Paris, na Armand Colin, em 1995, aparece agora, em tradução de Telma Costa, na Coleção Teorema - Série Especial. Procura fazer a história desse mar até ao século V a. C., em especial os séculos VIII, VII e VI. Depois de breve introdução em que refere as principais dificuldades derivadas da escassez das fontes e do seu afastamento temporal dos factos que relatam, aborda os aspectos mais significativos do mar Mediterrâneo em seis capítulos:

No capítulo primeiro, “Paisagens” (pp. 17-41) alude ao modo como os antigos, em especial os Gregos da época arcaica, representavam o mundo; chama a atenção para o contributo dos périplos no conhecimento das terras dos mares distantes e para o modo como eram medidas as distâncias; refere os principais cabos e promontórios, estreitos e istmos, ilhéus, faróis, navios, peixes, territórios e fronteiras marítimas, salinas e sal.

Em “Percurso” (pp. 43-87) fala das cidades fenícias e do Levante, das principais regiões gregas (Eubeia, Corinto, Atenas, Egina e Mégara, Mar Egeu, Íónia e Rodes, Mar Negro, delta do Nilo e Náucratis, Esparta, Creta, Cirene, Mar Adriático), de outras regiões do Mediterrâneo (Cartago, Itália do Sul e Sicília, Mar Tirreno, cidades etruscas e Roma, Marselha, Sardenha, Andaluzia).

O capítulo terceiro, a “Memória” (pp. 89-117), aponta como os factos e saber se conservaram na memória dos homens: os arquivos e sacerdotes, as genealogias e as histórias locais, os Poemas Homéricos, os relatos míticos (Melcarte, Hércules/Hércules, Jasão e os Argonautas, Eneias e a fundação de Roma), recordações individuais e memória colectiva, eclipses e calendários, arqueologia e cronologia.

No capítulo “Território” (pp. 119-155), analisa a insalubridade dos locais; alude à demografia, dando como exemplos as populações da colónia de Hímera na Sicília, de Atenas e da Ática, das cidades ideais segundo Hipodamo; fala de urba-

nismo, de fundações de cidades, da terra, dos santuários, da presença dos deuses e de Olímpia como espelho do mundo mediterrânico.

Em “Valores” (pp. 157-192), fala do aperfeiçoamento do alfabeto fenício e da sua transmissão e difusão; da prática da leitura e da dádiva, do casamento, da hospitalidade, dos banquetes, do luxo, da aristocracia, da aculturação; realça o valor dos metais, chamando a atenção para a sua hierarquia, uso nas armas e utensílios, para as grandes regiões mineiras, as oferendas de metal e o entesouramento, o aparecimento da moeda, o sistema de pesos e moedas.

Por fim, o capítulo “Circulação” (pp. 193-241) aborda as vias comerciais, os *emporía* ou entrepostos de transacções, os naufrágios, a construção naval, as ânforas e o comércio do vinho e do azeite, as expulsões, os exílios, as emigrações, os mercenários, as guerras constantes.

Fecha o livro uma breve conclusão e valorizam-no uma cronologia, uma bibliografia, um índice temático e vários mapas.

Pelo assunto e pela variedade de temas, é um belo instrumento de trabalho para os estudantes das Civilizações Clássicas e Pré-clássicas e para todos aqueles que têm de lidar com os povos e culturas que marginaram aquele mar que os Romanos transformaram em “mare nostrum”.

Infelizmente, uma tradução que não foi feita com o cuidado devido retirou-lhe parte desse valor. Além de nenhum dos mapas ter sido traduzido (pp. 5, 56, 61, 65, 75, 211, 275), é extensíssima a lista de topónimos e etnónimos que aparecem deturpados ou mal acentuados. Dou apenas alguns exemplos: Ferécidas (p. 11), em vez de Ferecides; Ténare (p. 22) por Ténaro; Filocteto (p. 22) por Filoctetes; Cirena (pp. 29, 44, 67) por Cirene; Abila (p. 25) por Ábila; Mar da Marmara (pp. 26, 59) por Mar da Mármara; Mandrocles (p. 26) por Mândrocles; Cnida (p. 28) por Cnidos ou Cnido; Sostratos (p. 33, 53) por Sóstratos ou Sótrato; Halis (p. 38) por Hális; Atique (pp. 39, 41) por Útica; Veies (p. 39) por Veios; Macris e Caleis (p. 47) por Mácris e Cálcis; Toroné (pp. 47, 54) por Torone; Tipseos, Epídame, Anactorion e Portideia (p. 48) por Cipseos, Epidamno (cf. tb. p. 71), Anactorio e Potideia; Demarate (p. 49) por Demarato; Miltiades (pp. 51, 55) por Milcíades; Naupacta (p. 51) por Naupacto; Fócía (pp. 57, 58, 62) por Focéia; Lampsaca (pp. 59, 62, 63, 64) por Lâmpsaco; Hipponax (p. 95) por Hipónax; e muitos outros.

E tão fácil seria evitar essas deficiências e deformações. Bastaria uma consulta ao *Vocabulário da Língua Portuguesa*, de Rebelo Gonçalves. Mas não foi feita, e o resultado está à vista: nomes estropiados e mal acentuados.

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA